

EM OUTUBRO REALIZAM-SE «ELEIÇÕES»

A hora actual é de unidade e acção



É inegável que a histórica campanha chauvinista desencadeada pelo fascismo, com todo o seu corolário de mentiras, sobre o carácter da insurreição armada dos povos de Angola, criou inicialmente certa confusão em algumas camadas populares. Mas hoje pode afirmar-se que tal campanha não conseguiu ludibriar o povo.

A profunda aversão e oposição da esmagadora maioria do povo português à guerra colonial manifesta-se das mais variadas formas e principalmente na posição decidida e de vanguarda da classe operária, dos trabalhadores, da juventude, dos soldados. A reacção popular contra os impostos decretados, a resistência e a luta dos trabalhadores contra os descontos nos salários, dias de trabalho e outras «dívidas» para financiar a guerra colonial, as centenas de deserções, os levantamentos e insubordinações que envolveram centenas de outros soldados e as manifestações públicas nos locais de embarque, são bem a demonstração de que o povo português se opõe à continuação da guerra de Angola e luta cada vez mais decididamente contra tal guerra.

Apesar das divergências existentes entre algumas correntes da oposição sobre a solução a dar ao problema colonial português, é altamente positivo verificar que nenhum agrapamento nem sequer qualquer individualidade destacada da Oposição apoia ou apoia a política colonial salazarista. Os apelos feitos com este objectivo pelos falsos democratas Madureira e Ramada Curto e que a imprensa e a rádio fascistas bem propagaram, caíram no vazio, ninguém os ouviu, morreram à nascença. As recentes lamentações do director do SNI e os insultos à intelectualidade patriótica porque nenhum intelectual de renome apoiara a guerra colonial, são bem significativos.

Para todos os verdadeiros patriotas torna-se evidente que apoiar a política de guerra colonial de Salazar seria apoiar toda a política de traição nacional e de enfundamento aos monopólios e ao imperialismo estrangeiro.

Os acontecimentos confirmam diariamente as previsões do Partido Comunista de que a continuação da política colonial de Salazar lançará o país num verdadeiro «desastre nacional», mas não impedirá que os povos das colónias portuguesas

Anunciou-se, semi-oficialmente, que as «eleições» para depuldo, se irão realizar em Outubro. Elas decorrerão no meio duma profunda crise política e económica agravada pela guerra colonial em que Salazar mergulhou o país. A importância que a luta eleitoral vai assumir é por isso bem evidente.

conquistem a liberdade e a independência a que aspiram e têm direito.

A passividade e a inacção são os melhores aliados de Salazar

Para alguns sectores de opinião existe a perigosa e falsa concepção de que a guerra de Angola levará à inevitável derrocada do fascismo e por isso não é preciso lutar, basta aguardar pacientemente o desenrolar dos acontecimentos. Outros sectores perfilham a ideia de que só um levantamento (não um levantamento popular de massas), mas de carácter putschista, poderá abreviar o derrubamento da ditadura fascista.

Estes errados pontos de vista, juntamente com a ideia de que não se deve concorrer às próximas «eleições», alegando-se que não conduzem a nada, provocam a inacção, a passividade, castram a luta de massas e a organização e aglutinação das forças patrióticas e populares.

A prisão recente de destacadas figuras da Oposição, o longo silêncio fascista sobre as «eleições», alimentando a ideia que não se realizariam, atestam os esforços do Governo para impedir a unidade actuante das forças democráticas e anti-salazaristas e o objectivo de realizar «eleições» sem a participação da Oposição. O facto de «eleições» se realizarem em Outubro, isto é, um mês antes da data normal e a intensa actividade e remodelações das comissões da União Nacional, são bem reveladores dos objectivos salazaristas de realizarem «eleições» sem a concorrência da Oposição.

Isto permitiria a Salazar anunciar ao país e ao mundo que toda a Nação está «unida» em torno do Governo e acima de tudo frustraria as possibilidades de formar e organizar um movimento popular de massas em torno das «eleições», o que causa fortes e justos receios ao salazarismo. Se o governo o conseguir obterá sem dúvida uma vitória de grande significação política.

A hora é de unidade e de acção

A inevitabilidade da derrocada da

ditadura fascista será uma realidade histórica, mas o prolongamento da existência do regime fascista terá profundas consequências. Como se afirma no manifesto de Março do Comité Central do Partido, «Portugal atravessa uma grave crise, em que está em jogo a paz ou a guerra, a independência ou o domínio estrangeiro, a liberdade ou a intensificação do terror fascista.» É mais adiante salienta-se:

«O levantamento em massa da nação portuguesa contra a ditadura é o caminho que se oferece para pôr termo à opressão fascista, para derrubar Salazar e conquistar a liberdade política».

A luta contra a grave situação económica em que o país se debate, a luta contra a guerra colonial e suas consequências, a luta eleitoral que constitui um importante meio de luta pela conquista da liberdade política, são aspectos duma única frente de luta, duma mesma batalha, a batalha pelo derrubamento da ditadura fascista e pela instauração dum regime democrático.

As próximas «eleições» poderão constituir um importantíssimo factor de mobilização, esclarecimento e organização das massas. Podem e devem ser uma grande jornada de luta contra o fascismo, contra a guerra colonial e pela conquista da liberdade. Mas só poderão se-lo se as forças democráticas actuarem unidas e rapidamente recuperarem o atraso em que se encontram, se formarem urgentemente listas únicas de candidatos de Oposição em todos os circuitos eleitorais, centenas de comissões eleitorais e um largo movimento popular de massas.

Sómente a acção poderá arrancar do Governo condições que permitam à Oposição concorrer às «eleições», exigindo imediata liberdade de propaganda e organização, consulta livre e rectificações do recenseamento, fiscalização do acto eleitoral pela Oposição.

Lutar e organizar, é o caminho que conduzirá ao levantamento nacional que libertará o país das garras da ditadura fascista. E a hora actual é de unidade e de acção.